

# JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos

Publicação mensal—Assignatura por anno 500 réis

A importancia total das assignaturas d'esta publicação reverte a favor das Officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide, para onde devem ser enviadas directamente todas as quantias e a correspondencia relativa á administração do Jornal

<p><b>REDACÇÃO</b> Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR <b>BRANCO RODRIGUES</b></p>	<p><b>ADMINISTRAÇÃO</b> Asylo dos Cegos Castello de Vide</p>
--	---	--

## HISTORIA DO ENSINO DA ESCRIPTA DOS CEGOS

### ESCRIPTA VULGAR—ESCRIPTA CONVENCIONAL

A historia do ensino da escripta aos cegos, que se estende sobre um periodo de cerca de tres seculos, é composta de curiosas experiencias, de esperanças chimericas, de enthusiasmos brilhantes, de desillusões profundas, de incessantes tentativas recommçadas.

Se publico este estudo um pouco fastidioso, é para esclarecer os interessados, isto é, os cegos que queiram possuir um systema de escripta tão perfeito quanto possivel; os educadores dos cegos que desejem proporcionar aos seus discipulos um util instrumento para escreverem; e os novos inventores de systemas que, ignorando as tentativas do passado, caminham sem cessar sobre o mesmo terreno e annunciam pelas mil vozes da imprensa as suas pretendidas invenções.

Para fazer este trabalho consultei livros pouco lidos hoje e que só se encontram em duas ou tres bibliothecas particulares, taes são as obras de Valentim Haüy, Guillié, Challan, Galliod, Pignier et Guadet. As collecções

do Instituto Nacional e do museu Valentim Haüy ministraram-me preciosos dados.

Foi em 1575, em Roma, que pela primeira vez, parece, se começou a dar aos cegos o meio de se corresponderem com as pessoas com vista por uma especie de escripta. Rampazetto imaginou umas pedras, em cada uma das quaes existia uma letra concava de grandes dimensões; pela reunião d'estas pedras, um cego podia formar lentamente syllabas e phrases.

Um seculo mais tarde, em 1676, o sabio Bernouilli ensinou na Suissa a escrever com lapis a uma cega de nascença, a menina Waldkirch, sem comtudo ter indicado nas suas obras o meio de que se tinha servido para dar as suas lições. O arcebispo de Salisbury, Burnet, na sua passagem a Schaffouse, viu escrever a menina Waldkirch, muito depressa e muito correctamente.

Sodi e Frizeri, dizem, empregavam alfinetes para escrever a musica; um outro cego empregava a cera para transmittir o seu pensamento; um outro dava nós em um cordel para representar as notas da musica. Mademoiselle de Salignac, conta Diderot<sup>1</sup>, escrevia com um alfinete, com o qual picava o papel que era extendido sobre uma tábua atravessada por duas reguas parallellas e moveis; copiou o resumo historico do presidente Henault.

Em 1783 Adet e Hassenfratz imaginaram compor uma tinta espessa, que permittisse aos cegos escreverem em relevo, mas, segundo parece, coagulava-se tanto na penna, como no papel.

O cego de Puisseaux tinha para seu uso caracteres em relevo.

Weissembourg, de Manheim, sabia escrever por meio de um guia-mão.

Mademoiselle Paradis, de Vienna, picava letras sobre cartão.

Em 1784, os meios empregados por alguns cegos para escrever eram então já muito diversos, e é necessario reconhecer que, exceptuando Barbier e Braille, todos os inventores ha um seculo não fazem senão imitar ou complicar o que fizeram os seus predecessores.

Valentim Haüy, para dar as primeiras lições ao seu alumno Lesueur, tomou a idéa de Rampazetto, substituindo, comtudo, como o cego de Puisseaux, as letras concavas por letras convexas; se se julgar pelo instrumento que existe no museu Valentim Haüy, a phrase que foi escripta diante de

---

<sup>1</sup> Na *Lettre sur les aveugles*, 1.º volume das obras completas de Diderot, pag. 339.

Luiz XVI, em 26 de dezembro de 1786, foi feita certamente com uma grande lentidão; esse processo ficou em uso durante cincoenta annos e perpetuou-se até aos nossos dias para as operações de arithmetica.

A fim de facilitar aos seus alumnos a expressão escripta dos seus pensamentos, Valentim Haüy imaginou dois guias de mão pouco differentes um do outro, por meio dos quaes podiam-se formar letras da esquerda para a direita com uma penna com um bico recurvado, que seguia entre dois fios parallellos; uma substancia molle collocada sob o papel fazia com que as letras saíssem em relevo linear; esses guias de mão assimilavam-se, pois, nas suas partes essenciaes ao de mademoiselle de Salignac, e, mais ou menos modificados, foram reproduzidos uma centena de vezes, ha um seculo para cá.

Em 1807, diz Grocœur<sup>1</sup>, Génèresse, segundo professor das creanças cegas estabelecidas no hospicio dos Quinze-Vingt, deu-lhes lições de escripta e imaginou para esse effeito diversos guias de mão, permittindo traçar as letras em relevo linear e podendo mesmo produzir diversas copias de cada vez; foi elle que, parece, teve primeiro a idéa de dar côr aos caracteres por meio de um papel chimico.

Na distribuição dos premios houve recompensas pela escripta aos alumnos e ás alumnas.

Sob a direção de Guillié (1814-1821), um alumno escrevia nos exercicios publicos mensaes, por meio do guia de mão do cego Heilmann, que, como os de Génèresse, não era senão uma modificação do guia de Valentim Haüy; adoptou-se em seguida o guia de mão de Pougens<sup>2</sup>; mas a escripta por meio dos guias de mão foi sempre difficil para os cegos, e por isso nunca se pôde generalisar.

Foi n'esta epocha que Barbier deu um impulso decisivo á sciencia da escripta, renovando o systema dos pontos de que fazia uso mademoiselle de Salignac, e imaginando o guia de cellulas rectangulares para facilitar a collocação dos pontos (1819).

A tachygraphia, chamada pelo seu auctor *Escripta nocturna*, foi experimentada no Instituto de Paris, aonde todos os inventores se dirigem para fazer consagrar as suas invenções.

(Continúa)

<sup>1</sup> *Histoire de l'institution de Paris*, pag. 46.

<sup>2</sup> Vide *Essai sur l'instruction des aveugles*, par Guillié, pag. 135.

## INSTITUTOS ESTRANGEIROS

### Royal Normal College and Academy of Music for the Blind

(Real Collegio Normal e Academia de Musica para os Cegos)

Este instituto, fundado no 1.º de março de 1872, deve a sua origem a dois homens cujos nomes serão para sempre memorados na lista gloriosa dos bemfeitores da humanidade.

São elles o dr. Armitage, já fallecido, e o dr. Campbell, cego de nascença, que dirige este importante estabelecimento desde a sua fundação.

O *Jornal dos Cegos* presta hoje homenagem ao instituidor do Real Collegio de Londres, publicando-lhe o retrato.

O dr. Armitage, que era um medico notabilissimo, não poupou esforços nem despesas para prodigalisar o bem aos cegos.

Foi uma feliz circumstancia a que fez encontrar esse homem philantropico, tão prompto a empregar o seu trabalho e a sua riqueza a favor dos cegos, com outro benemerito, como é o dr. Campbell, o qual só precisava de um auxilio que o habilitasse a ajudar os cegos, seus companheiros, a tomarem parte na lucta da vida, como as pessoas que teem vista.



**DR. ARMITAGE**

Fundador do Real Collegio Normal  
de Londres

Foi o proprio dr. Campbell que, apesar de ser cego, me conduziu sózinho a todas as dependencias do collegio, e me maravilhou com a curiosa descripção do que se pratica n'aquelle Instituto. Pelas gravuras que este jornal apresentará, podem os leitores fazer idéa da grandeza do edificio e das diversões physicas que os estudantes ali desfructam.

Effectivamente, o regimen adoptado baseia-se no desenvolvimento physico.

O gymnasium é o mais completo que tenho visto. N'elle existem todos os apparatus mais modernos que se adoptam na America para o desenvolvimento dos musculos dos braços, das pernas, do thorax, etc.

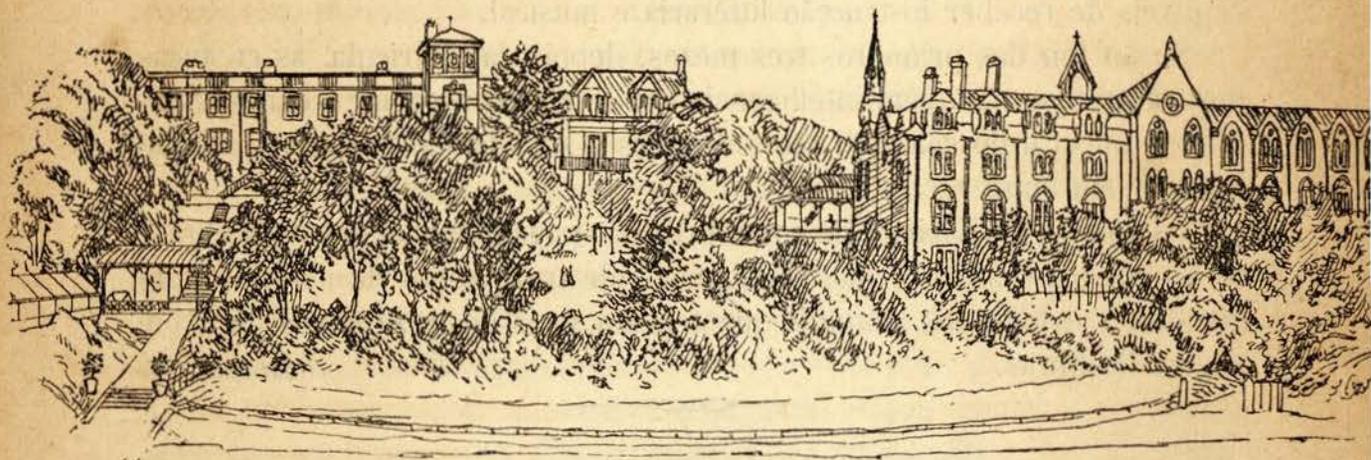
Ha tambem uma aula de natação, com aparelhos proprios para essa especie de exercicios.

O enorme parque que circumda os treze edificios de que se compõe o collegio, occupa uma superficie de cerca de 5 kilometros quadrados.

Possue longas avenidas arborisadas, onde os alumnos e as alumnas andam de velocipede, uns atrellados aos outros e dirigido por um empregado com vista.

Nos lagos que aformoseiam o parque, navegam pequenos barcos, em que os alumnos se exercitam a remar.

Enormes prados, cobertos de relva durante o verão e de gelo durante o inverno, servem, n'esta ultima estação, para o exercicio da patinagem.



### REAL COLLEGIO NORMAL DE LONDRES

Lindissimos jardins são cultivados pelas ceguinhas que, se não teem o prazer de ver as flores que plantam, adivinham-lhes talvez as cores e saboreiam-lhes os aromas deliciosos.

Os discipulos d'este grandioso collegio são todos alegres, fortes e saudaveis. Quando os veem correr desembaraçadamente pelas alamedas do parque, ninguem dirá que são cegos.

\*

No 1.º de janeiro de 1894 existiam no Real Collegio 142 alumnos.

Durante o anno entraram mais 85 e no 1.º de janeiro de 1895 mais 29, perfazendo um total de 256 alumnos.

Durante o anno de 1894, 2 alumnos retiraram-se por falta de meios, 1 foi para a India visitar seus paes, 6 foram transferidos para outras escolas, 5 foram expulsos por mau comportamento, e 32 completaram a sua educação.

D'estes ultimos 12 estão empregados como professores de cegos; 12 são organistas e afinadores; 6 ainda não tomaram modo de vida; e 2, que são ricos, foram viver com suas familias.

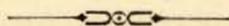
O numero dos alumnos existentes em 1896 era de 240, des quaes 116 tinham menos de dezeseis annos de idade.

O Real Collegio recebe creanças de ambos os sexos, que não tenham menos de cinco annos de idade. Só são admittidas as que provem ser susceptiveis de receber instrucção litteraria e musical.

Se no fim dos primeiros tres mezes, depois da matricula, as creanças mostrarem que não teem intelligencia sufficiente para seguir o curso scientifico e musical do collegio, são entregues a suas familias, que as poderão internar em outra escola.

Os alumnos ordinarios do curso primario pagam annualmente 35 libras; os do curso secundario, que teem menos de treze annos de idade, pagam 50 libras; e todos os alumnos que tenham mais de treze annos de idade pagam 60 libras.

(Continúa)



## OS CEGOS

**Pelo cego M. de la Sizeranne**

(EXTRACTOS)

### PSYCHOLOGIA DO CEGO

#### I

(Continuação)

Aqui é um caminho pedregoso ou coberto de relva, um bosque, um prado, a corrente de um rio, o ruido das arvores e dos arbustos. Alem são os passaros que se ouvem, quando se está sentado á sombra de um velho olmeiro, no meio de um bosque, ou sobre a margem de um rio que atravessa o prado.

O canto dos gallos e das gallinhas annuncia-nos a proximidade de uma quinta.

A natureza é, pois, povoada, viva e variada para o cego. Sem duvida, era escusado dizer que lhe faltam muitos gosos que o vidente desfructa; mas ficam-lhe outros mais penetrantes, mais precisos do que aquelles causados pelas impressões mais vivas, mas mais distractivas que a vista proporciona.

É facil de comprehender que com estes recursos physicos, os cegos não são entes aborreciveis e aborrecidos, incapazes de se moverem sós e não podendo mudar de logar sem mil precauções e á custa de mil fadigas. Andam pelas casas, sobem e descem as escadas, entram e saem, teem phisicamente uma vida activa, uma vida pessoal.

Fóra de casa, tanto no campo, como nas cidades, podem saber onde estão, podem guiar o seu guia (quasi sempre uma creança), guia puramente mechanicamente, olhos postos ao serviço da intelligencia do cego.

Os passeios lateraes das ruas teem um pequeno declive, quando estas são atravessadas por outras ruas. Esse declive é visivel, mas talvez pouco sensivel ao tacto dos videntes; o cego nunca se engana, e essa inclinação de terreno indica-lhe o ponto preciso em que é necessario atravessar a rua, como o abahulado da calçada indica o começo do novo passeio, que fica na frente. Para atravessar a rua que interrompe o seu caminho, o cego espera que não sinta carro algum: momentos psychologicos faceis de conhecer e bastante frequentes. Approximando-se de um muro, de um carro parado, ou simplesmente de uma arvore, o cego experimenta uma sensação ao mesmo tempo auditiva e tactil.

Os passos teem um som differente quando nos approximâmos de uma parede ou de um muro. Esta sensação é subtil, sem duvida, mas existe.

Para o homem que substitue a vista pelo ouvido, a obscuridade não consiste na falta de luz, mas na ausencia ou na confusão dos sons.

Se observardes um cego sem guia na rua e no momento em que passa um regimento, ve-lo-heis andar mais devagar e com precaução, especialmente se a rua for estreita e tiver casas muito altas, receando expôr-se a tropeçar ou a ser atropelado.

Muitos sinos tocando ao mesmo tempo, uma carroça que faça muito barulho, a passagem de um regimento de artilheria, são encontros perigosissimos para os cegos.

Será necessario explicar como é que o cego entra, sobe a escada e toca a campainha da porta?

Faz isso como toda a gente e com as mesmas disposições de espirito.

O modo de andar é differente quando se vae fazer um pedido a um credor, a um alto personagem, ou consultar um medico que nos ha de dar a sentença fatal, do que quando se vae na primavera do amor fazer uma visita por muito tempo desejada.

O sumptuoso andar nobre de um palacio dos poderosos do mundo parece mais alto, mais fatigante, do que a ingreme escada que conduz a um quarto andar, onde se é amado, ou onde se espera encontrar o ente que se ama.

O cego experimenta todos estes sentimentos e tradul-os no seu modo, nos seus gestos.

Em casa, no seu jardim, é natural, o cego é ainda mais independente, está ainda mais á sua vontade do que na rua.

Sobe, desce, anda como toda a gente sem guia algum; veste-se, despe-se, come e bebe como as outras pessoas e com o mesmo appetite.

Póde mesmo occupar-se do arranjo da casa.

A destreza certamente não é geral em todos os cegos: entre elles, como entre os videntes, ha muitos que não saberiam nunca servir-se de uma agulha, pegar em uma vassoura para varrer, ou accender o lume.

Se se conhece um cego destro, não se deve suppor que todos o são; mas tambem não se deve concluir que a falta de destreza é consequencia inevitavel da cegueira, pelo facto de se encontrar um cego que não tenha tacto, nem geito para nada.

Muitas pessoas, maravilhadas por verem o que os cegos podem fazer pelo tacto, perguntam se os cegos distinguem as cores.

Não.

A côr não é nem tangivel, nem perceptivel, nem pelo ouvido, nem pelo olfacto, nem pelo gosto.

Comtudo, em certos casos, á coloração liga-se um cheiro, um sabor, que advertem o cego da sua presença. Muitas vezes acontece que dois objectos que, á primeira vista, só parecem ser differentes pela côr, teem, alem d'isso, uma diversidade de tecido, de fórmula, de dimensões e de peso.

*(Continúa)*